

Norman Rush

Acasalamento

Tradução de Tânia Ganho



QUETZAL serpente emplumada | Norman Rush

1

Repouso culpado



MAIS UMA DESAPONTADA

EM ÁFRICA, QUER-SE SEMPRE MAIS, PARECE-ME.

As pessoas tornam-se ávidas. Isto assume diferentes formas em diferentes pessoas, mas manifesta-se sempre, sob uma forma qualquer, em quem quer que lá permaneça algum tempo. Pode acontecer de repente. E incluo-me a mim própria neste fenómeno.

Refiro-me, obviamente, aos brancos em África e não aos africanos negros. O africano negro médio tem o problema oposto: ele ou ela não quer o suficiente. Aliás, existe uma profissão, chamada Animação Rural, cujo objetivo é fazer com que os aldeões queiram mais e trabalhem mais para o alcançar. Os africanos são particularmente pouco ambiciosos, excetuando as elites, claro. As elites são sempre as elites.

Em África, vemos pessoas brancas de classe média, que temos a certeza de que são perfeitamente normais, transformarem-se da noite para o dia em autênticas chaminés ou beberões ou bons garfos. De repente, deparamos com pessoas, que fora isso costumam ser sérias, entaladas entre as criadas dos ricos no meio da multidão que se junta no talho chinês, de rosto crispado, decididas a não saírem de lá sem um dos nove ou dez pacotes de *crème fraîche* que chegam de Mafikeng à quarta-feira, às três horas. Vemos pessoas fixadas em comer maravilhosamente, apesar da gama ridícula que o Botsuana tem para oferecer. Ou a entregarem-se ao sexo em quantidade. Ou a tomarem a decisão de que não há motivo para não tentarem enriquecer antes

de abandonarem África. A maior parte dos expatriados fica só uns anos. E, certinho como um relógio, quando a estadia se aproxima do fim, desatam a comprar tapetes de peles ou esculturas para venderem depois, ou decidem comprar imóveis através de intermediários indígenas ou, como já aconteceu uma vez, resolvem fundar o primeiro campo minúsculo de golfe a sul do Saara. Conheço um fulano, que era um autêntico menino da mamã na vida real, que corria riscos de loucos a levar relógios de contrabando para o Zimbabuê aos fins de semana. O contrato de trabalho dele estava mesmo a acabar. Dava aulas de Direito na Universidade do Botsuana.

No meu caso, foi o desapontamento a causa. Tornei-me repugnante, um exemplo típico: ávida e frenética. Estávamos no outono de 1980, ou seja primavera em África. A África desapontara-me. Tinha acabado de passar dezoito meses no mato, praticamente sozinha. A minha tese era sobre antropologia nutricional e o que eu me propusera demonstrar era que a fertilidade nas chamadas «populações residentes em regiões remotas» oscila consoante a estação, porque uma grande parte do que essas populações remotas comem depende do que conseguem encontrar quando vão recolher alimentos, o que deveria afetar a fertilidade. Ou assim pensava eu. Pois não era verdade. Vi-me grega para encontrar coletores. A recolha de alimentos era coisa do passado, na minha parte do mato. A comida dita normal parece ter-se infiltrado em toda a parte, inclusive no coração dos montes Tswapong. De uma maneira ou de outra, as pessoas tinham acesso regular a comida enlatada e a *cornflakes*, ou recebiam ajuda humanitária — sorgo e milho — através do Programa Mundial de Alimentos. Portanto, ninguém se dava particularmente ao trabalho de recolher comida, o que significa que vi a minha tese ir por água abaixo.

Como se isso não bastasse, eu tinha presenciado uma situação interpessoal muito feia em Keteng, a principal aldeia da minha zona de investigação. Um cooperante holandês fora acochado até à morte pela estrutura de poder local, antigas famílias de colonos bóeres que se tinham tornado cidadãos do Botsuana quando o país conquistara a independência. O episódio ainda hoje me incomoda. Para agravar

mais as coisas, os meus períodos andavam muito irregulares, o que se verificou ser devido ao *stress* físico e à minha dieta monocromática, que era aquilo de que eu já suspeitava e que tinha de resolver, em vez de me preocupar. Junte-se a isto o facto de ter feito trinta e dois anos na altura. Desisti e retirei-me para a capital, Gaborone, com o pretexto de reorganizar as ideias, mas na realidade o que fiz foi regredir.

Quando dou por mim numa fase homogénea da vida, gosto de lhe dar um título. «Repouso culpado» foi o que inventei para a minha cesura em Gaborone, o que a ameniza: tornei-me ligeiramente depravada, mas só durou uns dois ou três meses.

Não tinha uma verdadeira desculpa para não regressar aos Estados Unidos. Convenci-me de que o que me perturbava era a ideia de celebrar mais um aniversário à mercê da minha mãe. Quantos mais aniversários passava sem ela, mais grandiosa e atroz era a festa necessária para pôr os aniversários em dia, e eu tinha vários em atraso. Prometera com todas as letras celebrar os meus trinta e dois anos com ela, se entretanto já tivesse voltado para os Estados Unidos. Sabia que era o sentimento de culpa dela — por ser pobre quando me criou, por ser gigantesca — que a levava a ser tão wagneriana em relação às minhas festas de anos, mas não era só isso. Eu estava sem forças.

O facto de querer companhia também pesou. Estava cansada da minha própria companhia e não tinha deixado ninguém para trás, nos Estados Unidos, nem sequer no horizonte distante. Sentia-me sexualmente desperta e não há lugar no mundo como Gaborone para uma mulher branca livre e solta, com umas quantas graças sociais, até mesmo uma mulher a sentir-se desmoralizada. Aliás, para uma desapontada, Gaborone era o sítio ideal, porque se circula num meio de brancos que também estão desapontados. Ninguém usa esse termo.

ACUMULAÇÃO DE BRANCOS

Há mais brancos em África do que se poderia esperar e mais no Botsuana do que na maior parte dos países africanos. Os brancos

acumulam-se no Botsuana. O parlamento funciona e os tribunais são relativamente bons, por isso o Ocidente está sempre disposto a ajudar com projetos de desenvolvimento e, por conseguinte, os especialistas brancos amontoam-se. O Botsuana tem praticamente os últimos caçadores-coletores do mundo, por isso há antropólogos, e antropólogos falhados como eu, a dar com pau. Da África do Sul chegam ativistas políticos em fuga, brancos e negros, os brancos quase todos de passagem, exceto os mais corajosos e intrépidos. Os Bóeres conseguem deitar a mão a quem quiserem em Gaborone. Abundam espões de todos os tipos, uma vez que toda a gente quer saber quando é que a República da África do Sul vai entrar em combustão e Gaborone fica a apenas cinco horas de carro de Pretória e Joanesburgo. A embaixada russa é enorme. E, além disso, o Botsuana é um recetáculo geográfico para os funcionários públicos britânicos que se tornaram excedentários, com o avanço do processo de descolonização cada vez mais para sul. Trata-se de pessoas que estão para sempre estruturalmente mal adaptadas para viverem em Inglaterra. Este é o seu último poleiro em África. São os conservadores de Black Lagoon, ou paleoconservadores, como lhes chamava o Nelson Deenon, já que a política deles é tão de direita-primitiva. São interessantes do ponto de vista antropológico, mas realmente em demasia. Depois, temos os cooperantes e os voluntários brancos, que só no Corpo de Paz são uma centena. Temos multidões de caçadores e espectadores brancos a rumarem para norte. Ficam no Botsuana os últimos lugares em África onde os animais selvagens nunca viram um rosto branco. Os Botsuanos não ultrapassam o milhão. E temos os missionários.

Acho que tenho tendência para explorar os missionários, o que eu devia mesmo parar de fazer, se é para depois andar a dizer mal deles pelas costas. As carmelitas de Keteng trataram-me sempre muitíssimo bem, de cada vez que lhes bati à porta a pedir guarida, para poder tomar um banho quente e comer uns legumes frescos, quando já deitava o mato pelos olhos, o que acontecia periodicamente. Um casal adventista do sétimo dia acolheu-me durante duas semanas, quando decidi fingir que estava doente em Gaborone, em vez

de voltar para os Estados Unidos. Não sei se deva omitir os missionários na minha generalização sobre o desapontamento ou não. Acho que não, embora a sua alegria absolutamente sem falhas se destine precisamente a nos impedir de conceber sequer essa possibilidade. Aparentemente, conseguem o que querem. Consolidam as suas seitas e comunidades religiosas e não param de apanhar africanos nas suas teias. Mas devem sentir-se no mínimo preocupados com as defeções regulares e em grande escala para as igrejas espiritualistas, que são empresas cristãs sincretistas, criadas e geridas por africanos, e que se distinguem por determinadas novidades doutrinárias, como beber água do mar para curar as úlceras. Todos os missionários que me ofereceram um teto mostraram um certo interesse pela minha orientação espiritual, chamemos-lhe assim. Acho que não fiz troça deles. Não me fiz passar pelo que não era, mas também não me desnudei por completo. Costumava considerar-me anticlerical mas não antirreligiosa, mas isso foi antes de conhecer o Nelson Denoon, que era as duas coisas, e de maneira violenta. Ele moldou as minhas atitudes, diretamente e não só. Era algo que o interessava. Acho que estou a ser justa. Para o Denoon, era uma reação automática tentar conseguir que as pessoas que... amava, digamos assim, concordassem com ele sobre estas questões. Ainda hoje tenho de me concentrar para perceber até que ponto o sítio aonde cheguei se deve à influência do Denoon e até que ponto foi a minha mera evolução normal como pessoa. Note-se que o Denoon já se está a imiscuir na história, antes de lá chegarmos cronologicamente.

Fiquei, por isso, em casa dos adventistas, inicialmente fazendo uma vida solitária. Em primeiro lugar, tive de lidar com o reaparecimento da convicção de que era academicamente maldita. Estaria eu, de facto, assim tão à margem? Porque é que tive de esperar uma semana para saber o resultado das minhas orais, quando a regra era ser informado da nota no dia seguinte? Sentia-me inteligente, portanto o que é que se passava de errado? Porque é que era tudo tão demorado e de má vontade em relação a mim? Porque é que não era capaz de descobrir como é que uma pessoa se torna o protegido de alguém? Acontecia a toda a hora à minha volta, em Stanford, mas nunca me

aconteceu a mim. Ao fim de uns dias em Gaborone, consegui voltar a convencer-me, uma vez mais, de que, na base, tudo não passava de falta de sorte ou então eram as repercussões da pobreza refinada em que cresci. Recompus-me.

Naquele tempo, os funcionários dos Serviços de Imigração eram para lá de descontraídos. Em menos de uma hora, consegui que me prolongassem o visto por um ano. E, então, estava pronta para circular.

MEIOS

Lembro-me de quando foi que a avidez se apoderou de mim. Foi na primeira festa a que assisti naquela primavera, um *cocktail* ao ar livre.

Estava a ouvir, à socapa, uma discussão veemente entre dois britânicos sobre qual é o país que tem o melhor clima do mundo, a Zâmbia ou o Botsuana. Isto, estando o Botsuana a atravessar uma seca devastadora. Eu reajo bem ao sol, mas, enfim, sou do Minnesota e passei anos desiludida com a Califórnia do Norte por causa do clima indefinido e do mar gelado. Sou completamente adepta da vida em África. Adoro o sol que rebenta todos os dias como um mecanismo qualquer avariado. Inclusive durante a chamada estação das chuvas, faz sol até às duas ou três da tarde e, depois de uma chuvinha trivial de cinco minutos, o céu desanuvia outra vez. Até no pino do verão, uma pessoa quase nunca transpira no Botsuana. O calor é tão seco que se sente o suor a arrefecer a superfície da pele, enquanto evapora num ápice. No fim de contas, estamos num deserto mil metros acima do nível do mar, embora não tenha o aspeto de um deserto normal. A teoria do Denoon era que as pessoas se adaptam biologicamente ao clima incrivelmente regular do sul de África, a que ele chamava «metronómico».

Eis que apareceu a nossa anfitriã, de verde-amarelado vivo, satisfeita com o dia. A seca não era má de todo para as classes festivas. As festas ao ar livre são mais fáceis de organizar, tendo em conta as

hostes que é preciso alimentar e gerir. Em Gaborone, uma festa banal é sempre muito grande. Se uma pessoa puder contar com bom tempo é um alívio. E os organizadores das festas podiam dar-se ao luxo de manter as suas paisagens verdes, contratando mão de obra barata ao dia para regar à mão, de modo a contornar a proibição de regar de mangueira. O facto de usar expressões como *on the cheap* para dizer «barato» e *hosepipe* para «mangueira» mostra até que ponto adotei termos britânicos na minha maneira de falar. Tenho um dom para o mimetismo, ou uma fraqueza, dependendo da perspectiva. Quando falava, estava ciente de que parecia meio britânica, o que não me incomodava. Tinha a ver com a minha capacidade para apanhar línguas facilmente, que é uma realidade e foi uma das coisas que me levaram a pensar que teria queda para a antropologia. Sou camaleónica, quando quero. Uma das minhas fantasias básicas, que já vem desde antes do liceu, era que elementos das culturas mais desconcertantes do mundo me divulgassem segredos por mal se aperceberem da minha intrusão, ou por pensarem que eu era praticamente um deles.

O pôr do Sol foi opulento. Eu estava parada debaixo de uma acácia em flor e as palavras «chuva de ouro» vieram-me à mente, seguidas por uma onda de emoção. Chamo-lhe avidez, mas na realidade foi uma sensação de querer um excedente na vida, de querer ter algo em demasia, para variar. Não queria continuar a ser um candidato, nem a um doutoramento nem a nada: queria passar para o nível seguinte, onde as coisas viriam ao meu encontro, se acumulariam para mim. Foi uma sensação aguda. Olhei para as pessoas à minha volta. A anfitriã da festa era extremamente banal, fisicamente. Talvez trabalhasse para o British Council. Era um pãozinho sem sal. Não é que eu seja uma beldade, a menos que o volume do cabelo determine a beleza. Sou robusta, digamos assim, mas tenho uma boa cintura. Dizem que pareço irlandesa. Estava contente por ter mantido o cabelo comprido durante todo o trabalho de campo, uma complicação por si só e contra o conselho de toda a gente. É uma característica invulgar. E fico atraente quando estou tão magra como estava naquela altura. A fulana tinha meios para alimentar cinquenta pessoas.

As entradas eram sanduíches de miniatura feitas com verdadeiro presunto de Parma. Eu vivera de couves e papas de milho durante deztoite meses. Ela mandou servir cajú do tamanho de camarões. Lembrou-me de *pickles* de cebolinhas e espargos brancos. Estavam a sair bifinhos do lombo perfeitos. Ela vivia numa casa com dois quartos e tinha um cozinheiro e um guarda. O terreno estava impecável como sempre. Ela nunca tinha de passar a ferro. Era, no máximo, cinco anos mais velha do que eu. Sei que parece mal dizer estas coisas e não as justifico. Era a pobreza a falar.

Eu já estava a atrair atenções masculinas, o que era prematuro. São as mulheres quem organiza churrascos e chás. Esses convites iam ser o meu sustento, por isso tinha de evitar ser rotulada como uma mulher que anda à caça da fauna masculina local. Podia haver ligações afetivas, mas ainda não. Tinha de arranjar uma maneira de expropriar os expropriadores tão discretamente que eles nem se apercebessem, mas como? Precisava de uma profissão, mas que fosse a profissão certa. Foi então que tive uma ideia.

Seria guia, apresentaria o Botsuana como uma instituição com bens obscuros. Era evidente que eu seria perfeita para abordar algo que constituía uma verdadeira necessidade. Os brancos no Botsuana precisavam de sentir que tinham vindo a um lugar exótico. No fim de contas, estavam em África. Mas o Botsuana é frustrante. Gaborone foi construída do zero nos anos 60 e, tirando a zona mais baixa ao longo da estrada de Lobatse, mais parece uma cidade universitária do Sudoeste dos Estados Unidos do que outra coisa. Não há um traje nacional. Nas aldeias, umas estruturas feitas com blocos de cimento e telhados de metal estão a escorraçar as cubatas redondas de adobe e colmo. O inglês é a língua oficial, juntamente com o tsuana. As atividades de lazer incluem ir à igreja, à discoteca, a demonstrações de karaté, concursos de danças de salão, concursos de beleza e futebol. A fauna interessante está nos confins do Norte, exceto para aquelas pessoas que acham uma ou outra avestruz ou um babuíno empolgantes. Excetuando os castelos de fantasia dos ricos e do corpo diplomático na Secção Dezasseis, as casas em Gaborone são modulares ou dignas de dó. É uma cultura que parece familiar à vista, mas provoca

uma sensação de estranheza. Os Botsuanos não são propriamente afáveis. Murmuram quando falam com brancos. Têm o direito de estar fartos dos brancos e de o mostrar um nadinha. Querem ser impenetráveis, ao mesmo tempo que aperfeiçoam os seus conhecimentos de inglês e encomendam sapatos compensados através de catálogos sul-africanos. Os Botsuanos não vos convidarão para jantar, portanto esse é mais um caminho do conhecimento que está interdito aos brancos. Os Botsuanos aceitarão infalivelmente os vossos convites para jantar, embora frequentemente não apareçam. O gesto de retribuir almoços e jantares não faz parte da cultura, o que desagrada aos brancos, que encaram como uma grande balela a asserção generalizada de que os Botsuanos ficariam deliciados se aparecêssemos de surpresa à hora da refeição. Os casamentos e os funerais são ocasiões muito importantes, mas apinhados de gente, e mesmo quando os brancos são convidados, ninguém fala com eles nem se dá ao trabalho de explicar que, por exemplo, se a noiva está de olhos fixos no chão, com ar infeliz o tempo todo, é para demonstrar a sua tristeza por deixar os pais. Há barreiras. Os americanos são os que mais sofrem. Vêm para o Botsuana com vontade de serem queridos para os africanos e deparam com um muro, que os baralha. Por detrás do muro, pressentem que existe qualquer coisa de interessante. Eu poderia ajudá-los.

Tinha os meios específicos para o fazer. Falava bem tsuana. Tinha histórias caricatas para contar. Podia provar que, por debaixo da superfície, a cultura era tão diferente como as pessoas poderiam desejar. Seria útil. Porque é que os bebés botsuanos usavam gorros de lã no verão? Por outro lado, porque é que alguns botsuanos rapavam a cabeça no inverno? Eu sabia. Porque é que os homens kalangas deixavam crescer imenso a unha do mindinho da mão direita e depois a aguçavam? Porque é que os Botsuanos detestavam relvados e preferiam terra batida em redor das casas? Porque é que as meninas de escola tentavam tantas vezes dormir com a cabeça debaixo das cobertas? Também podia ajudar a nível das coisas mundanas. A que parte da vaca correspondia a peça de carne chamada «rabadilha»? O que era a Polícia dos Diamantes? Alguém se preocupava com o facto de,

perto de Molepolole, haver botsuanos que tinham servos? As pessoas teriam material suficiente para escrever cartas. Eu podia dar-lhes uma ideia da «alteridade» que lhes estava a escapar. Seria tudo informal. Reparei que um moreninho me andava a perseguir.

Traga a sua mulher, disse-lhe eu à distância, o que o desestabilizou. Eu estava junto da vedação, a pensar ou a tentar pensar, e a perceber que uma horda de manifestantes da Igreja cristã sionista se aproximava. Ele não gostou de ter de a ir buscar.

O sítio onde ele tinha reparado em mim era bastante isolado e repleto de arbustos. Lembro-me de que tinha uma barba castanha, brilhante, e aquilo a que os Botsuanos chamam um rosto enérgico. Trouxe um grupinho com ele quando se aproximou da vedação.

Cinquenta manifestantes desfilaram lentamente. Homens de farda acastanhada engomada de pacote e boné militar lideravam o cortejo. As mulheres iam atrás, todas de branco. Calçavam sandálias banais. Chamei a atenção para o calçado dos homens, que usavam sapatilhas que tinham sido desfeitas e recosidas à volta de um tubo de tecido, destinado a aumentar o tamanho da biqueira em cerca de vinte ou vinte e cinco centímetros. O objetivo dos sapatos era fazerem um barulho troante quando os homens aterravam dos pulos que davam nestas manifestações. Subiam e desciam em bloco. Também expliquei que, assim que começavam a cantar, cantavam sem interrupções durante duas ou três horas. O meu grupo perguntou coisas como: Onde é que eles vão buscar tanta energia? Os manifestantes já tinham dado os saltos por encerrados nesse dia, mas eu disse ao meu grupo onde é que os podiam ver noutro domingo qualquer. Eu conhecia os percursos que eles faziam. Expliquei como é que surgira a Igreja cristã sionista, porque é que era interessante, algumas das crenças dos seus adeptos e que o corpo principal da seita na África do Sul tinha vendido a alma ao regime de Pieter Botha.

Eu devo ter causado uma impressão fascinante, porque, antes de me ir embora, já me tinham oferecido a missão de tomar conta de uma casa muito jeitosa, uma moradia de dois pisos na orla da Extensão Dezasseis. Os meus deveres resumiam-se a dar de comer a uns

periquitos. Livraram-me dos meus missionários. Duas mulheres queriam que eu fosse com elas a uma oficina de tapeçaria em Lentswe la Oodi. E tinha o almoço e o jantar do dia seguinte no bolso.

UM PERÍODO DE EXCEDENTE

Aquele foi um período peculiar para mim. A intenção original era eu tornar-me hedónica, pensar aqui e ali na minha vida e nos próximos passos, descansar na utopia branca que era Gaborone, dar inevitavelmente cabo das minhas poupanças, meter-me num avião e regressar a casa. Tinha o bilhete de ida e volta, por isso o meu período de repouso culpado seria limitado e o sistema de troca direta também não me podia levar muito longe. Mas a coisa deu para o torto.

Comecei bem. Para evitar qualquer contacto com a minha tese abortada, embrulhei os meus apontamentos e registos em camada sobre camada de papel pardo, ateí o pacote com um cordel e verti cera quente sobre os nós, uma técnica que ainda se usa no Sul da África. Deixei o objeto à vista, como lembrete de que a minha vida académica não ia acabar, estava apenas em banho-maria. Os meus dias eram ótimos, não havia dois iguais. Nuns, levantava-me de madrugada e assistia ao nascer do sol, enquanto bebericava um chá rooibos. Noutros, saía da cama às duas ou três da tarde ou pior ainda. Às vezes, jogava ténis até cair para o lado.

Nunca tinha permitido a mim mesma aquele tipo de hiato. Estava deliberadamente sem planos. Consegui inclusive suprimir o vago plano de leitura interiorizado a vida toda que me incomoda sempre que leio porcarías. Decidi ler apenas o que me aparecesse pela frente. Felizmente as prateleiras da casa estavam carregadas de Simenon. Acho que foi o Denoon quem disse que a experiência que podemos ter na vida mais próxima do livre-arbítrio é quando fazemos coisas ao acaso. Não existe livre-arbítrio. Quando fazemos escolhas ao acaso, continua tudo a ser pré-determinado, nós é que deixamos de reparar. A liberdade falsificada é algo de que, ainda assim, podemos desfrutar, com o devido estado de espírito. Era perfeito eu estar em casa de terceiros.

O que deu para o torto foi o excedente que comecei a acumular. As coisas aterravam-me no colo. Praticamente não tinha despesas. Em pequenas coisas, tornei-me quase esbanjadora. Quando conseguia arranjar *crème fraîche*, comprava o máximo que me achava capaz de comer antes que aquilo se estragasse. Comprei umas gargantilhas feitas com pedaços de cascas de ovo de avestruz. Tentei reduzir a motivação para comer restos. E, ainda assim, continuava com excedente.

Por exemplo: os meus cuidados de saúde eram gratuitos. O médico do Corpo de Paz desenvolveu uma paixão platónica por mim. Fez-me um exame de parasitologia soberbo. Era uma seca tratar voluntários com uretrites de origem não específica e insolações e pouco mais. Ele sentia-se subaproveitado e tratava qualquer pessoa que o deixasse falar sobre os abismos médicos que contemplara noutras partes do Terceiro Mundo ou as falhas do Ministério da Saúde do Botsuana. Achava-me muito limpa, por eu ter roído as unhas até ficarem curtinhas quando estava no mato. Deixei-o pensar que partilhava a convicção fundamental dele de que todas as pessoas, brancas e negras, eram insanamente negligentes no que tocava à higiene, exceto nós os dois. Ele vivia exclusivamente à base de comida enlatada ou que pudesse ser fervida. Quando ia a festas, levava os seus próprios cubos de gelo feitos com água fervida. O dinheiro vivo estava infetado, porque muitas mulheres botsuanas o guardavam no sutiã, em contacto com a pele. Brindava-me com uma série de amostras médicas, algumas das quais ainda hoje tenho. Eu gostava dele. Chamava-se Elman — em honra do violinista Mischa Elman — Cornetta. Tinha quarenta anos e era baixo, solteiro e normal em relação ao sexo, exceto pelo facto de achar — intuí eu — que até o coito mais cuidadosamente regulamentado era pouco higiénico. Estava à vontade em África de uma maneira geral: sentia que estava a desempenhar as suas funções numa situação que era basicamente irremediável. Veem-se variantes disto em brancos noutras situações irremediáveis. O Elman era uma pessoa genuinamente calma. Interpretei a vinda dele para África, para estar em pleno foco de infeções, aquilo

que ele mais temia no mundo, como uma medida puramente antifóbica, o que criou um laço entre nós, porque eu própria podia, de certo modo, ser considerada antifóbica. Eu sofro de agnosia topológica, uma patologia que apresenta algumas semelhanças com a dislexia e que significa que tenho uma grande dificuldade em me orientar na topografia. E vim para uma parte do mundo onde praticamente não há pontos de referência na paisagem. «Quem percorre o Botsuana de carro fica espantado com a uniformidade da paisagem que se estende até ao horizonte» é uma daquelas frases do *Guia do Botsuana* que os expatriados costumam reter na memória e citar.

O Elman achava que o problema da higiene pública na capital estava condenado a piorar com o crescimento da população. Gaborone ia ficar como Lomé, onde o principal letreiro que se vê nas ruas diz: «*Défense d'uriner le long des murs*» (proibido urinar ao longo dos muros). Era preciso fazer alguma coisa. Eu achei que devia tentar canalizar a fobia dele para um caminho mais construtivo e a maneira como isso acabou é um bom exemplo de como a África desilude as pessoas e de como a minha tentativa para empobrecer estava constantemente a falhar. Sugerir que fizéssemos um livro de banda desenhada sobre as regras básicas de higiene. Eu traduziria o texto dele de inglês para tsuana e arranjava-lhe um ilustrador. Ele mostrou-se entusiasmado. Avançámos com o projeto. Lançámos uma banda desenhada de oito páginas, impressa em *offset* a preto e branco, em papel de jornal. Era tosca, mas ele ficou deleitado. Pagou-a do seu próprio bolso e teimou em pagar-me também, ainda por cima excessivamente, o que foi um absurdo. Mas estava feliz da vida com a edição, que foi um sucesso. Começaram a aparecer botsuanos no escritório a pedir exemplares. Ele nem queria acreditar. Tivemos de fazer uma segunda edição. Durante uns tempos, ele parecia um novo homem. Depois, um inimigo dele esclareceu-o. Existem latrinas públicas no centro de Gaborone, mas não dispõem de papel higiénico. Os pobres safam-se com todo e qualquer tipo de papéis velhos a que consigam deitar a mão, porque o papel higiénico que se compra nas lojas é um produto de luxo. Tentei reconfortá-lo com a notícia de que estava a acontecer o mesmo com as publicações *Watchtower* pelas

quais as Testemunhas de Jeová andavam a ser atacadas no centro comercial. Tentei consolá-lo. O dinheiro que ele me dava cheirava sempre bem. Desconfio de que limpava as notas com um adstringente antes de as guardar em saquinhos de plástico.

E por aí fora. Parecia que toda a gente estava deseiosa de me ajudar. Eu fazia um favor a um professor de passagem, como um trabalho de datilografia ou catalogação, e invariavelmente pagavam-me de mais. Quando as pessoas começaram a ouvir dizer que eu tinha muito jeito para stenografia, recebi uma leva de propostas para ir a conferências e encontros e redigir atas. Como as gravações não são adequadas em todas as situações, quando eu recusava o trabalho, ofereciam-me ainda mais dinheiro. Tornei-me também o beneficiário de eleição, quando as pessoas chegavam ao fim das suas viagens e se desfaziam do que lhes sobrara na despensa ou no bar. Até certo ponto, os brancos tinham pena uns dos outros por serem destacados para uma terra e uma sociedade tão pouco hospitaleiras, o que se revelava também no tom grandioso das festas que organizavam para acolher os recém-chegados ou se despedir dos que estavam de partida. Não estou a dizer que as prendas de despedida não incluíam os botsuanos, em especial os empregados domésticos; incluíam, mas num grau tão reduzido que isso quer dizer muito. A questão tinha muito que ver com emoções não declaradas. Sentimentos anti-*makhoa* entre os Botswanos eram bastante expressivos, naquela época. Saíram cartas nos jornais a alegar que especialistas brancos andavam a falsear as suas qualificações, de modo a ocuparem cargos que deviam caber aos Botswanos. Algumas das alegações eram absurdas. Um membro do parlamento, de Francistown, ficou incomodado por jovens botsuanos usarem óculos de sol na presença de anciãos, o que era uma falta de respeito, porque as lentes escondiam os olhos, e os brancos eram os responsáveis por essa moda dos óculos escuros. De qualquer maneira, não foram os meus gestos de reciprocidade que me tornaram popular. Ao todo, devo ter organizado umas meras seis festas, todas elas em pequena escala e duas das quais foram noites de Monopólio em que só servi uma refeição leve.